

## Desenvolvimento mental e sociedade: a cidade sou eu<sup>1</sup>

ROSANE AZEVEDO DE ARAUJO  
rosanearaujo@openlink.com.br

*Mental Development and Society:  
The city is me<sup>1</sup>*

### Abstract

*Nowadays there are as many new concepts for City as parameters for analyzing it. Given the permeability and the dissolution of boundaries due to the technological diffusion of the last decades, it can be said that every citizen is now cosmopolitan, and that Urbanism has become Orbanism. This can be said because the world is potentially our city. The present paper develops the hypothesis that there is no longer a distance between “me” and the city. The semantic and the conceptual explosions of the city idea correspond to the decentralization and fragmentation of the notion of “I”. This paper reports to many authors’ conceptions of the city; displays some variations of the conception of “I” and applies the reasoning of pole, focus and fringe to point towards a conception of city that is embraced by the New Psychoanalysis. The city that each one is is co-extensive to one’s own urban way of insertion in the world.*

**Key Words:** Urbanism — Orbanism - City - Technology - Polarization - Person

### Considerations

*The twenty-first century requires a qualitatively new mental posture. This change that goes beyond the excluding, delimitating, ideological, Cartesian and Euclidian*

### Resumo

Atualmente, existem tantos novos conceitos de Cidade quanto novos parâmetros para analisá-los. Dadas a permeabilidade e a diluição das fronteiras decorrentes da difusão tecnológica ocorrida nas últimas décadas, podemos afirmar que todo cidadão é agora um cosmopolita, e que o urbanismo se tornou o *Orbanismo*, pois, potencialmente, o mundo é nossa cidade. Neste trabalho é desenvolvida a hipótese de que não há distância que permita circunscrever separadamente Eu e Cidade. O processo de explosão semântica e conceitual da idéia de cidade é correlato ao de descentralização e fragmentação da noção de eu. Este trabalho aborda conceitos de cidade trazidos por vários autores; apresenta algumas variações do conceito de Eu; e aplica os raciocínios de pólo, foco e franja para concluir apontando um conceito de cidade abrangido pela Nova Psicanálise. A cidade que cada um é é co-extensiva a seu modo urbano de inserção no mundo.

**Palavras Chave:** Urbanismo – *Orbanismo* – Cidade – Tecnologia – Polarização – Pessoa

### Considerações

O século XXI requer uma postura mental qualitativamente nova. A mudança que ultrapassa em muito os pensa-

*ways of thought that have formatted us for a long time, is already there. The organization of production, consumption, reproduction, transmission, experience and power, in all spheres of human activity, is subverted by the codes forged by technology. To be a contemporary of ourselves requires great effort to overcome. This is a challenge for any person who disposed to think of our time.*

*The world underwent a transformation in the twentieth century that demonstrated not only the inefficiency of any desire for truth or foundation, but also and particularly the fluid, liquid, communicational, non-linear, artificial aspect of knowledge and of the world transformed by it. The effects in the field of urbanism are palpable. The theoretical and political posture ceases to be that of planning, based on objectives that include demands (functions, densities, templates) and the previous means to attain them, and instead points towards how to deal with situations here and now for which there are no reliable parameters beyond permanent reformulation.*

*In this sense, starting in the end of 1970s, the formulation of the idea of an “urban project”, and the debates that arose, coincided with a Western cultural moment in which it became apparent the bonds of interdependence that tie natural events to human intervention, to psychological and cultural motivations, based on the knowledge from biology, ecology, cybernetics, anthropology and physics (VIVIANNE, 1998: 98). At the end of the 90s and beginning of the new century, the consequences of this new understanding began to make themselves felt.*

*It's symptomatic that authors such as François Ascher assimilate the complexity sciences and the cybernetic into urbanism, with the ideas of indetermination, unpredictability and feedback (ASCHER, 2001). It's symptomatic that authors such as William Mitchell, Manuel Castells or*

mentos excludentes, delimitadores, ideológicos, cartesianos, euclidianos que nos formataram por longo tempo, já está aí. A organização da produção, consumo, reprodução, transmissão, experiência e poder, em todas as esferas em que as atividades humanas estão concernidas, está subvertida pelos códigos forjados pelas tecnologias. Ser contemporâneos de nós mesmo requer um enorme esforço de superação – este é um desafio para qualquer pessoa que se disponibilize a pensar nossa época.

O mundo passou por uma transformação no século xx que demonstrou não apenas a ineficácia de qualquer vontade de verdade ou fundamento, como também, e sobretudo, o aspecto 'fluido', 'líquido', comunicacional, não-linear, artificial do conhecimento e do mundo por ele transformado. Os efeitos no campo do urbanismo são palpáveis. A postura teórica e política deixa de ser o *planejar*, a partir de objetivos que incluem exigências (funções, densidade, gabarito) e meios prévios de atingi-los, lançando-se ao *como lidar* com situações aqui e agora para as quais não há parâmetros confiáveis para além de sua reelaboração permanente.

Nesse sentido, a formulação da idéia de 'projeto urbano' a partir do final dos anos 1970, e os debates que suscitou, coincidem com um momento cultural do Ocidente em que se tomava consciência dos liames de interdependência que vinculavam os acontecimentos naturais, as intervenções humanas, as motivações psicológicas e culturais, com base nos aportes de conhecimentos oriundos da biologia, da ecologia, da cibernética, da antropologia, da física (VIVIANNE, 1998: 98). No final dos anos 90 e início do novo século, as consequências desse entendimento começam a se fazer sentir.

É sintomático que autores como François Ascher assimilem ao urbanismo as referências trazidas pelas ciências da complexidade e pela cibernética, com suas noções de indeterminação, imprevisibilidade, e com a idéia de

*Saskia Sassen approach problems of the city from the standpoint of digital technologies, the space of fluxes, of electronic markets and the trans-territorial "centers" built through telemetries. Finally, it is symptomatic that these and others contemporary conceptions of the city are unanimous in testify the relativity of the notions of centrality (political, administrative, financial, territorial) and their geographic location; of organization (political, administrative, financial, territorial) and vertical functionality; of planning and its causal a priori implementation. In its place they opt for an analysis that takes into account uncertainty, risk, and multiplicity in a globalized world.*

*The posture becomes a reflexive one, in the sense of including constant revisions of social practices in light of the information of these very practices, within a constant examination of possible choices, reexamining them in function of what's being produced.<sup>2</sup>*

*In the essence of studies about the city, architecture, the environment, mental development, society and technology lies a questioning of what artificiality is as a construct and nature is as a given thing; of what society and culture are as human production and the physical world to which humans, without mistaking themselves with it, integrate and transform. Many contemporary authors have diagnosed that there isn't any distinction between a construct and a given, the spontaneous and the industrial, the natural and the cultural.<sup>3</sup> It is of interest here to point out the articulation aspects that create any worldly artifact, be it framed as physical, biological, cultural or technological, so that we can affirm that everything that exists is a formation.<sup>4</sup>*

*Fundamental concepts for our field are being redefined. Time is not only measurable from a historical, cumulative perspective. We live in an overlapping configura-*

*feedback* (ASCHER, 2001). É sintomático que autores como William Mitchell, Manuel Castells ou Saskia Sassen abordem o problema da cidade a partir das tecnologias digitais, do espaço dos fluxos, dos mercados eletrônicos e dos "centros" transterritoriais constituídos via telemática. É, por fim, sintomático que essas e outras concepções contemporâneas de cidade sejam unânimes em constatar a relatividade das noções de centralidade (política, administrativa, financeira, territorial) e sua impostação geográfica; de organização (política, administrativa, financeira, territorial) e sua funcionalidade vertical; de planejamento e sua implementação causal *a priori*. Em seu lugar, optam por análises que levam em conta a incerteza, o risco, e a multiplicidade em um mundo globalizado.

A postura torna-se reflexiva, no sentido de incluir a revisão constante das práticas sociais à luz das informações que concernem essas próprias práticas, num exame permanente das escolhas possíveis, reexaminando-as em função do que se começa a produzir.<sup>2</sup>

No cerne dos estudos que cruzam cidade, arquitetura, meio-ambiente, desenvolvimento mental, sociedade e tecnologia reside um questionamento do que seja artificialidade como construção e natureza como coisa dada; do que seja sociedade e cultura como produção humana e mundo físico ao qual, sem se confundir com ele, o homem se integra e transforma. Vários autores contemporâneos já diagnosticaram que não há, com efeito, distinção de natureza entre o dado e o construído, o espontâneo e o industrial, o natural e o cultural.<sup>3</sup> Interessa aqui destacar o aspecto articulatório que constitui qualquer artefato do mundo, seja ele recortado como um dado físico, biológico, cultural ou tecnológico. De modo que podemos afirmar que tudo o que há são *formações*.<sup>4</sup>

Conceitos fundamentais para o nosso campo estão sendo redefinidos. O tempo não é mais mensurável

*tion of time. The same technological act that makes spatial relations of proximities and establishes new ties that are ever more intangible also subverts the regimentation of temporality, doing away with all uniformity and homogeneity that supposedly exist between the physical space and clock time. The degree of technological accessibility has diluted temporal succession, undoing the succession of "traversed time" and the chronometry of the "before" and "after". Therefore, after understanding the idea of "timeless time"<sup>5</sup> and of "local time",<sup>6</sup> we can think that time is "casuistic", where it can only be defined on a case-by-case basis, in accordance with a thorough examination of the degree of accessibility of the person in question. In addition to this, is the fact that the contraction of space and time depends on speed, which isn't accessible to all in an equal form. In this manner, time is not the same for everyone.*

*Space is also a concept that is produced in accordance with the symptoms of an era. Throughout human history, this concept has modified itself and modified our world view.<sup>7</sup> The concept of architecture and urbanism is closely linked to the concept of space. Space as material support for social practices, has acquired characteristics which allow it to continuously transform itself through the flexibility in which it is used, of the simultaneity of its uses and meanings, and of the juxtaposition of information. This malleability of transformation, this ephemeral and transitoriness ability, gives it a fluid, moving, indifferent character, to contemporary urban space. The same space holds different temporal overlays, whence distinct spaces make themselves present, the diverse temporalities of urban life can no longer be sharply discerned, because many activities can be carried on at the same time, all an overlapping reality: That is the contemporary city.*

*It is a fact that we live in an age of inhabitants electronic surroundings. Our actions*

somente sob o ponto de vista histórico, cumulativo. Vivemos uma configuração temporal imbricada. O mesmo ato tecnológico que relativiza proximidades espaciais e estabelece novos vínculos mais intangíveis também subverte o regime da temporalidade, fazendo desaparecer a uniformidade e a homogeneidade supostamente existentes entre o deslocamento físico e o tempo do relógio. O grau de acessibilidade tecnológica dilui a sucessão temporal, desfazendo a relação de proporção entre o espaço "percorrido" e a cronometria do "antes" e "depois". Desse modo, após o entendimento dos conceitos de "tempo intemporal"<sup>5</sup> e de "tempo local",<sup>6</sup> poderíamos pensar que o tempo é "casuístico", onde só poderia ser definido caso a caso, de acordo com um exame minucioso do grau de acessibilidade da pessoa em questão. Acrescente-se a este raciocínio que a contração do espaço e do tempo depende da velocidade, que não é acessível a todos da mesma forma, de modo que o tempo não é igual para todos.

O espaço também é um conceito que, como tal, é produzido de acordo com os sintomas de uma época. Ao longo da história do homem, este conceito se modifica e modifica a visão de mundo.<sup>7</sup> A concepção de arquitetura e urbanismo está estreitamente vinculada à concepção de espaço. O espaço como suporte material de práticas sociais, adquiriu a característica de poder se transformar continuamente através da flexibilidade de sua utilização, da simultaneidade de seus usos e significados, da justaposição de informações. Estas maleabilidade de transformação, efemeridade e transitoriedade conferem um caráter fluido, movente, indiferenciante para o espaço urbano contemporâneo. Um mesmo espaço abriga superposições temporais diferentes, no mesmo instante se presentificam espaços distintos, as diversas temporalidades da vida urbana não são mais separadas com nitidez, pois muitas atividades podem se desenvolver ao mesmo tempo, tudo numa mesma realidade imbricada: eis a cidade contemporânea.

*in physical space are associated with our actions in cyberspace. Buildings are incorporating an artificial nervous system, sensors, screens and computer-controlled equipment. Various electronic systems have the increasingly important role of responding to users' needs. The geostationary satellites of communication and LEO (low earth orbit) systems cover great expanses of land and ocean, turning the surface of the globe into an intelligent place with total coverage. This proliferation of intelligent spaces produces a new type of urban fabric and will radically reform our cities (MITCHELL, 2001: 74).*

*My supposition is that for a broad understanding, capable of considering the different contributions of the new conceptions of the city and its "archi-tectonics", a radical shift is necessary toward concepts that approximate it to a topological base instead of an Euclidian geometry (idealizing the rigidity of forms and the oppositions of the system- inside/ outside, left/ right/ etc.). When we plan to construct a building or an avenue, we are under the Euclidian logic, so that the structure will remain standing and functioning. On the other hand, when we want to understand the network society or the digital city or the informational city, we need topological knowledge for structure to gain meaning.*

*Topology is adequate for the development of the present study because it obeys a logical rationale in which the unilateral substitutes the bilateral, to dissolve the Euclidian opposition, and therefore to include flexibility and change. This is a starting point for understanding the relativization of the uses and functions that are so evident in the contemporary city. This hence enables an understanding of the permeability between concepts previously considered antagonistic or different and that are currently being modified as a consequence of the use of technologies, the inclusion of speed as a determining factor for distance, of the*

É fato que vivemos uma época de habitantes de entorno eletrônico. Nossas ações no espaço físico estão associadas as nossas ações no ciberespaço. As edificações estão incorporando sistemas nervosos artificiais, sensores, telas e equipamentos controlados por computador. Diversos sistemas eletrônicos têm um papel cada vez mais importante na resposta da necessidade de seus usuários. Os satélites de comunicação geoestacionários e os sistemas globais dos satélites LEO (low earth orbit — sistema que cobre a Terra uniformemente) cobrem grandes extensões de terra e mar, transformando a superfície do planeta em um lugar inteligente de cobertura total. Essa proliferação de espaços inteligentes produz um novo tipo de tecido urbano e reformará radicalmente nossas cidades (MITCHELL, 2001: 74).

Nossa suposição é que, para um entendimento amplo, capaz de considerar as diferentes contribuições das novas conceituações de cidade e sua arqui-tectonia, é necessário um deslocamento radical para conceitos de base mais próximos de uma *topologia* do que de uma geometria euclidiana (com a idealidade e rigidez das formas e as oposições do sistema — dentro / fora, esquerdo / direito, etc.). Quando projetamos e construímos um edifício ou uma avenida, temos obrigatoriamente que estar subditos à lógica euclidiana, para que aquela estrutura permaneça de pé e em funcionamento. Por outro lado, quando queremos entender o funcionamento da sociedade em rede ou da cidade digital ou da cidade informacional, temos que estar subditos à lógica da topologia, para que aquela estrutura ganhe sentido.

A topologia é adequada para o desenvolvimento do presente estudo porque obedece a um raciocínio lógico no qual a unilateralidade vem substituir a bilateralidade, dissolver a oposição euclidiana e, portanto, incluir a flexibilidade e a mudança. Ora, isto é um início para o entendimento da relativização dos usos e funções tão evidentes na cidade contemporânea. Possibilita, assim, o entendimento da permeabilidade entre conceitos já

*hyper mobility of goods, people and information, of the ubiquity resulted from long distance communication in real time or not. Amidst various other concepts, the following stand out: public and private space, inside and outside, near and far, global and local, workspace and living space, real and virtual, people and the city. There are therefore multi-functionalities, polymorphisms, and reversibility in urban forms. This is also a way to demonstrate that there isn't an "outside" in this reasoning, and that "I" and the "city" are parts of the same concept.*

*Due to the polysemy of the city's concepts that is evidenced today by many authors, we join theoretical positions that take it upon themselves the challenge of rethinking urbanism in a coherent manner with risk and uncertainties, but equally emphasizing the potentialities that characterize our age. We share both the investigative state that configures the present time and the perplexity characteristic of a reflexive posture, which seems to sum up the general contemporary thought. My hypothesis is that the process of the semantic and conceptual explosion of the "city" idea is correlated to that of decentralization and fragmentation of the notion of "I". Starting from the understanding of this conceptual shift, contemporarily any citizen, any person can affirm that the city is me.*

### **The City**

*The city can't be reduced to its "geometric" and quantitative supports any longer, or to the cognitive abilities developed by the human species capacity for verbalization. The reach of realizations, conjectures, technological implementations, research programs, etc., has eliminated any possibility of indexing the notion of city to a notion of boundary (physical, mental, cultural, ethnic, linguistic, financial or technological). More than that, the shift in the notion of city accompanies and is accompanied by the shift of what might*

considerados antagônicos ou diferentes e que atualmente estão relativizados em decorrência do uso do espaço, da utilização das tecnologias, da inclusão da velocidade como fator determinante da distância, da hipermobilidade de bens, pessoas e informações, da ubiquidade gerada pela comunicação à distância em tempo real ou não. Entre diversos outros conceitos, podemos destacar: espaço público e privado, dentro e fora, perto e longe, global e local, moradia e trabalho, real e virtual, pessoa e cidade. Há, portanto, multifuncionalidade, polimorfismo, passagem e reversibilidade nas formas urbanas. É caminho, também, para demonstrar que não existe "fora" neste raciocínio e que "eu" e "cidade" são partes do mesmo conceito.

Dada a polissemia do conceito de cidade que é hoje evidenciada por vários autores, nos filiamos às posições teóricas que decidiram enfrentar o desafio de repensar o urbanismo de modo coerente com o risco, a incerteza, mas igualmente com as potencialidades que caracterizam nossa época. Compartilhamos tanto do estado inquiridor que configura a atualidade quanto da perplexidade característica de uma postura reflexiva, que nos parece resumir o estado geral do pensamento contemporâneo. Nossa hipótese é que o processo de explosão semântica e conceitual da idéia de "cidade" é correlato ao de descentralização e fragmentação da noção de "eu", de "ser" urbano e, a partir do entendimento desse deslizamento conceitual, contemporaneamente *qualquer* cidadão, *qualquer* pessoa pode afirmar *A cidade sou Eu*.

### **Cidade**

A cidade não se reduz mais a seus suportes *geo-métricos* e quantitativos, e tampouco às competências cognitivas desenvolvidas sobre as capacidades de verbalização da espécie humana. O alcance das realizações, conjeturas, implementações tecnológicas, programas de pesquisa etc. eliminou qualquer possibilidade de indexar a noção de cidade a um critério qualquer de fronteira

*constitute its universal support: the idea that a carbon-based<sup>8</sup> human reality exists destined to perpetuate the scheme and the geographic-urban-cultural-reproducer-familial-heterosexual- couple series.*

*In other words, if in the Neolithic period we witnessed the implementation of a concept of city based on adoption of a sedentary lifestyle, the geography, the soil, chronological time, the domestication of man, the recognition of consanguinity and, consequently, family ties, the heterosexual reproducer couple, nowadays we see the establishment of concepts of city in which this initial thinking is greatly reconfigured and modified, as well as other concepts don't even consider this initial idea. Therefore, the city is defined by different parameters, such as finance, information capacity and planetary connections, nodes and networks, demographic density, virtualization, sensorial experience, etc. On the other hand, contemporarily we can make a comparison with each of the base references related in the beginning of this paragraph, to a differentiated way of life: the extreme mobility of contemporary life returns man to certain extent to a nomadic lifestyle. Added to this are aspects such as the possibility to procreate without sexual intercourse, long distance communication, the comparative framework of chronological time and of geography due to the use of technologies, the family's new relational parameters with same sex partners, etc. The fact is that the city concept as it was historically understood no longer fits our reality.*

*I understand that the concept of city, as any other concept, is a product that is historically built. It's a conceptual tool subject to pressures for reformulation every time there is a great transformation, which in turn structures a new era. I also understand that a "new urbanism" ought to take complexity into consideration. Following this line, I would like to consider inflexions that, from geometry as an artificial construct to the computer as a*

(física, mental, cultural, étnica, lingüística, financeira ou tecnológica). Mais do que isso, o deslocamento da noção de cidade acompanha e é acompanhado pelo deslocamento sobre aquilo que talvez constitua seu esteio fundamental: a idéia de que existiria uma realidade humana, de base carbono<sup>8</sup>, destinada a perpetuar o esquema e a série casal-heterossexual-familiar-reprodutor-cultural-urbano-geográfico.

Em outras palavras, se no período neolítico vimos a implantação de um conceito de cidade tomando como referência o sedentarismo, a geografia, o solo, o tempo cronológico, a domesticação do homem, o reconhecimento da consangüinidade e, conseqüentemente, os laços de família, de casal heterossexual reprodutor, assistimos atualmente ao estabelecimento de conceitos de cidade nos quais esta base inicial está bastante desconfigurada e relativizada, bem como de outros conceitos que chegam mesmo a desconsiderar esses dados iniciais. Assim, a cidade passa a ser definida a partir de diferentes parâmetros, tais como finanças, capacidade informacional e de conexão planetária, nós e redes, densidade demográfica, virtualização, experiência sensorial, etc. Por outro lado, contemporaneamente, podemos contrapor a cada uma das referências de base relacionadas no início deste parágrafo, um modo de vida diferenciado: a mobilidade exacerbada da vida contemporânea devolve ao homem certo nomadismo, acrescente-se a isto a possibilidade de procriação sem a necessidade da relação sexual, a comunicação à distância, a relativização do tempo cronológico e da geografia devido ao uso de tecnologias, os novos parâmetros de relações familiares com parceiros do mesmo sexo, etc. O fato é que o conceito de cidade tal como foi historicamente entendido não expressa mais nossa realidade.

Entendemos que o conceito de cidade, como qualquer conceito, é um produto historicamente construído. É uma ferramenta conceitual que sofre pressões de reformulação a cada momento em que grandes transformações

*material thought, allow realizing that the twenty-five centuries that qualify architecture as a knowledge and a technique of permanence are giving way to an architecture that is materially liquid (SOLÁ-MORALES, 2002: 126), compatible with the proposition of the city is me.*

*If I also consider as a point for understanding the inquiry, the full use of virtual space which is simultaneously public and private, local and global, a-topical and of another geometry, we can say that the city — as a place of exchange, communication, interaction, dwelling, work — is potentially anywhere. Spaces and their functions are disseminated everywhere. This subversion of the uses of spaces and these multiplications of possibilities for connection constitute a new reality. This is without engaging in the already banal concept of the virtual city that has been a topic of magazines, books and designates the “Netropolis” — the largest metropolis in the world: a grid that links all the computers in the world, and also the cities based on the World Wide Web (WWW) that work as political tools for different urban goals: global urban marketing, incentives for business and tourism, communication between citizens and local government, commerce, etc.*

*It’s uncontestable that we can’t appeal to concepts of city as it is historically understood. It’s enough to see the huge quantity of neologisms used by contemporary authors — Ecstacity (COATES, 2003), nodal city (TAN, 2005: 172-187), cybercity (LÉVY, 1999), global city (SASSEN, 1998), city of bits (MITCHELL, 1995), informational city (CASTELLS, 1995), e-topia (MITCHELL, 2001), metapole (ASCHER, 1998), etc. — as an attempt to situate the city within reigning modifications. Like wise, we can see the new terms used by contemporary authors — post-organic, post-human, post-biological, cyborgue, etc. — to situate it within the notions of mankind.*

estruturam uma nova época. Entendemos também que um “novo urbanismo” deve levar em consideração a complexidade. Seguindo esta linhagem, queremos considerar as inflexões que, da geometria como construído artificial ao computador como pensamento material, permitem compreender que os vinte e cinco séculos que qualificaram a arquitetura como um saber e uma técnica da permanência estão cedendo passo a uma arquitetura materialmente líquida (SOLÁ-MORALES, 2002: 126), compatível com a proposição *A cidade sou eu*.

Se considerarmos, também, como dado para o entendimento da questão, a utilização plena do espaço virtual que é ao mesmo tempo público e privado, local e global, atópico e de outra geometria, podemos dizer que a cidade — como o local de troca, de comunicação, de interação, de moradia, de trabalho — está potencialmente em qualquer lugar. Os espaços e suas funcionalidades estão disseminados por toda parte. Esta subversão dos usos dos espaços e esta multiplicação das possibilidades de conexão constituem uma nova realidade. Isto, sem entrarmos no mérito do já banalizado conceito de *cidade virtual* que tem sido tema de revista, livro e que designa tanto a *Netrópolis* — a maior metrópole do mundo: a rede que une computadores de todo o globo, quanto as cidades com base na World Wide Web que funcionam como ferramenta política para diferentes objetivos urbanos: marketing urbano global, incentivo ao turismo e negócios, comunicação entre cidadãos e governo local, comércio, etc.

É incontestável que, para expressar nossa realidade, não podemos mais recorrer ao conceito de cidade tal como historicamente entendida. Basta ver a quantidade enorme de neologismos utilizados pelos autores contemporâneos — Ecstacity (COATES, 2003), cidade nodal (TAN, 2005: 172-187), cibercidade (LÉVY, 1999), cidade global (SASSEN, 1998), cidade dos Bits (MITCHELL, 1995), cidade informacional (CASTELLS, 1995), e-topia (MITCHELL, 2001), metápole (ASCHER, 1998), etc. —, como



*From a topological perspective, places that have been constituted are confused with people. When thought of according to the quality of their web of interactions, places move as people do. A good example of this situation, given by Manuel Castells, is the mobile office as a mode of work that is being adopted. This model considers the worker as a nomad, who executes his work through contact with his office, via mobile phone, internet, fax, while away on a business trip, visiting a customer or on his daily comings and goings, thus establishing the concept of a "moving office" (CASTELLS, 2003: 192). It is "office" — the name given to a place, geographically locatable in physical space, but it also designates the actions carried out in it — which moves with the movement of the worker. This allows to think, that places can shift with the shifting of people.*

*Any human being, from any point on the planet, can be an active member of the global city. The urban setting is also defined by the fact that the individual is articulated in a web of electronic interrelationships.*

*The field of urbanism and the concept of city are, therefore, being questioned. The definition of city has been put in a broad comparative framework; various concepts are being formulated, all of them seeking not only to better define specificities caused by the inseparable interaction of space, technology, mental development and society, but also to incorporate as best as possible the new actors, the new types of social relations and the new uses and functions that have emerged in the city.*

“I”

*Every way of thinking translates a certain time. However, as Rossi pointed out, “the form a city takes is always the form of a time of the city, and there are many different times in the form of a city” (ROSSI, 1995:57). In the same era coexist many*

tentativa de situar a cidade dentro das modificações vigentes. Do mesmo modo, basta ver, também, a quantidade de novos termos utilizados por autores contemporâneos — pós-orgânico, pós-humano, pós-biológico, ciborgue, etc. — para situar a noção de homem.

Sob a perspectiva topológica, os lugares constituídos se confundem com as pessoas. Quando pensados mediante sua qualidade de rede de interações, os lugares se deslocam com o deslocamento das pessoas. Um bom exemplo desta situação, dado por Manuel Castells, é o tele-trabalho móvel como modelo de trabalho que está se instalando. Esse modelo considera o trabalhador como nômade, que executa seu trabalho através de contato com o escritório, via telefone celular, internet, fax, enquanto está em viagem, em visita a clientes ou em seu percurso corriqueiro, estabelecendo, assim, o conceito do “escritório em movimento” (CASTELLS, 2003: 192). É o “escritório” — nome dado a um lugar, espaço físico localizável geograficamente, mas que designa também as funções que são aí realizadas — que se movimenta com o deslocamento do trabalhador. Isto abre a perspectiva de que podemos pensar que, contemporaneamente, os lugares podem se deslocar com os deslocamentos das pessoas.

Qualquer ser humano, de qualquer ponto do planeta, pode participar, como membro ativo, da cidade mundial. O urbano define-se também pelo fato de o indivíduo ser articulado a uma rede de inter-relacionamentos eletrônicos.

O campo do urbanismo e a conceituação de cidade estão, portanto, em questão. A definição de cidade foi amplamente relativizada, vários conceitos estão sendo elaborados, procurando, cada um deles, não apenas apreender melhor as especificidades ocasionadas pela interação indissociável entre espaço, tecnologia, desenvolvimento mental e sociedade, como também incorporar, de forma mais adequada, os novos atores, os novos

*visions and understandings of the world, of man, of life. This is also particularly true in times of change such as our own, in which we watch the constant reformulation of our own understanding of what man might be (including every type of technique as his extension and the environment as a component of his organism) as well as the forms of being, existing living and thinking.*

*The modern notion of subject understood as the foundation of action and of knowledge, and the superposition of this notion with the "I" took three centuries. This means that from the seventeenth through the nineteenth century there is the sedimentation of modern thought and all the corollaries resulting from this reasoning, as for example: the idea of the "I" as a center of reference, command base of acts and thinking; the idea of identity; the idea of knowledge as a relationship between subject and object; the separation of the subject and the object, etc.*

*With Freud at the end of the nineteenth century, there was a complete revolution of all understandings of the "I" constructed thus far. It's no longer acceptable the belief that the "I" is something stable and substantial that remains identical to itself throughout the diversity of its experience. The "I" is, above all, the effect of the complexity of unconscious determination. For Freudian psychoanalysis it's no longer a matter of subjectivity, nor is it particular of each individual or a transcendental subjectivity, universal to man. The experience created by the unconscious derogates reasoning that affirms any centering or fixed reference point. The belief in foundations is dethroned. This position of psychoanalysis doesn't result only in revising the idea of man as the center of the world; it questions the whole idea that the world has a center. Thus, not only the privilege of the "I", but rather a whole way of thinking based on foundations are put in check. Therefore, the notion of knowledge resulting from philosophy becomes compromised, for*

tipos de relações sociais e os novos usos e funções que surgiram na cidade.

## "Eu"

Cada forma de pensar traduz certa época. Entretanto, assim como Rossi apontou que "a forma da cidade é sempre a forma de um tempo da cidade, e existem muitos tempos na forma da cidade" (Rossi, 1995:57), numa mesma época coexistem várias visões e entendimentos de mundo, de homem, de vida. E isso é particularmente verdadeiro numa época de mudanças como a nossa, em que assistimos à constante reformulação do próprio entendimento do que seja homem (incluindo aí todo o tipo de técnica como sua extensão e o meio ambiente como componente do seu organismo), bem como a novas formas de ser, existir, viver e pensar.

A noção moderna de sujeito entendida como fundamento da ação e do conhecimento, e a sobreposição desta noção com a de "eu" durou três séculos. Isto significa que do século XVII ao século XIX (inclusive) temos a sedimentação do pensamento moderno e de todos os corolários advindos deste raciocínio, como por exemplo: a idéia de eu como centro de referência, sede de comando dos atos e pensamento de alguém; a idéia de identidade; a idéia de conhecimento como relação entre sujeito e objeto; a separação entre sujeito e objeto, etc.

Com Freud no final do século XIX, há uma completa revolução de todo o entendimento de Eu construído até ali. Recusa-se a crença de que o *eu* seja algo estável e substancial que permaneça idêntico a si mesmo ao longo da diversidade de suas experiências — o *eu* é, antes, o efeito da complexidade da determinação inconsciente. Para a psicanálise freudiana não se trata mais de subjetividade, nem particular, de cada indivíduo, nem a subjetividade transcendental, universal do homem. A experiência engendrada pelo *inconsciente* derroga raciocínios que afirmem qualquer centramento

*there is no longer a knowledge that is understood as the domination of objects by a sovereign and autonomous being.*

*Nowadays various authors from different fields contribute to broadening the question. The biologists Humberto Maturana and Francisco Varela introduced the concept of autopoiesis, which means to build a world, to make it emerge together and in reason of the reciprocal specification that establishes itself between an unit and its universe. Therefore, the actions of one person transforms the world that they inhabit; in return, the transformed world retroacts, equally transforming its actors, without the possibility of identifying linear causalities or previous hierarchies, in circular process. According to those authors, "every act of knowing makes a world appears", thus, "every action is a type of knowledge and every knowledge is an action" (MATURANA and VARELA, 2001: 31-32). In other words, my world experience produces a world that I know, and my knowledge of the world is a result of what I experience from it. It isn't possible to know where the dividing line is between what we experience as the world, with all its regularities and randomness, how we act in the world and are affected by it, and the knowledge that emerges therefrom. In this articulation, the concept of circularity considers the inseparableness of man and the world. It isn't possible to comprehend them in isolation; both make up the same dynamic; during this time in common we build a world that builds us in return; there no longer exists any separation between the subject, the object and knowledge.*

*Starting from the contributions of Maturana and Varela, we can conclude that the concept of autopoiesis, originating in an epistemological reflection in the field of biology, has contributed to reconsideration what the "I" might be. Shifting it from the traditional substantialist or transcendental being, of the oppositions between represen-*

ou ponto de referência fixo. A crença em fundamentos é destronada. A posição da psicanálise não acarreta apenas a revisão da idéia do homem como centro do mundo; ela contesta a própria idéia de que o mundo tenha um centro ou unidade. Assim, não só o privilégio do *eu*, mas certo modo de pensar por fundamentos, característico do pensamento ocidental, é colocado em xeque. Portanto a noção de conhecimento decorrente da Filosofia fica comprometida, pois não há mais conhecimento entendido como domínio de objetos por um sujeito soberano ou autônomo.

Contemporaneamente vários autores de diferentes campos contribuem para o alargamento da questão. Os biólogos Humberto Maturana e Francisco Varela introduzem o conceito de *autopoiesis*, que significa construir o mundo, fazê-lo emergir junto com e em razão da especificação recíproca que se estabelece entre uma unidade e seu universo. Assim, as ações de uma pessoa transformam o mundo que ela habita; de retorno, o mundo transformado retroage, transformando igualmente seus atores, sem que seja possível identificar causalidade linear ou hierarquias prévias nesse processo que acontece em *circularidade*. Segundo os autores "todo ato de conhecer faz surgir um mundo", ou seja, "todo fazer é um conhecer e todo conhecer é um fazer" (MATURANA E VARELA, 2001: 31-32). Em outras palavras, a minha experiência de mundo produz o mundo que eu conheço e meu conhecimento do mundo é resultante do que dele experimento. Não é possível saber onde passa o marco separador entre o que experimentamos como mundo, com todas as suas regularidades e aleatoriedades, como agimos no mundo e somos afetados por ele, e o conhecimento que daí emerge. Nesta articulação, o conceito de *circularidade* considera a inseparabilidade entre o ser humano e o mundo. Não há como compreendê-los isoladamente; ambos fazem parte de uma mesma dinâmica: construímos o mundo que nos constrói durante esse tempo em comum; não há aí nenhuma separação entre sujeito, objeto e conhecimento.

*tation and the world, which are epistemic positions that organize our existence and our way of knowing as if everything were distributed previously in a definite and non-conciliatory “inside” and an “outside”, “internal” and “external”, in an irreversible, incommunicable and mutually excluding “yes” and a “no”, into isolated parts without interaction and without connection with the whole, in obedience to a predictable linear logic. On the contrary, in the light of the autopoietic organization, “I” is purely a recursive operation.*

*In the area of study dealing with the functions of the brain, there is the neurologist António Damásio (1996), who points out Descartes error in separating the mind from the body, warns decisively that it isn't possible to explain the mind only in terms of cerebral phenomena. He affirms that the comprehension of the human mind requires an amplification where the organism with a brain and integrated body meet in full interaction with the physical and social environment. This rationale ratifies the inseparability between man and the world.*

*The goal is to understand that, just as the urban “being” has undergone profound changes — in a growing process of dematerialization since the medieval city, where the city wall has ceased to be not only the dividing line between the city and the outside space, but its conceptual safety has also changed, attributing to it its “own being” (LEPETIT, 2001: 252). And from the advent of the industrial city, in the nineteenth century, until the contemporary city with the dematerialization of boundaries, which by replacing the city walls has forged a definition of urban in an ever larger realm of communication and mobility of goods, information and people (ASCHER, 2001), in the same manner the “urban” being who, as an inhabitant, interacted with this progressively dematerializing urban space, also has experienced, in the same process and concomitant to it,*

A partir da contribuição de Maturana e Varela, podemos concluir que o conceito de autopoiesis, originado de uma reflexão epistemológica no campo da biologia, contribui para reconsiderarmos o que possa ser “Eu”, deslocando-o das tradições do sujeito substancialista ou transcendental, das oposições entre representação e mundo, que são posições epistêmicas que organizam nossa existência e nosso modo de conhecer como se tudo estivesse distribuído em um “dentro” e um “fora” prévios, um “interno” e um “externo” definitivos e irreconciliáveis, em um “sim” e um “não” irreversíveis, incommunicáveis e mutuamente excludentes, em partes isoladas e sem interação e sem conexão com o todo, em obediência a uma lógica linear e previsível. Ao contrário, à luz da organização autopoietica, “Eu” é pura operação recursiva.

Na área de estudos de funcionamento cerebral, temos o neurologista António Damásio (1996) que ao apontar o erro de Descartes em separar corpo e mente, faz uma advertência contundente de que não é possível explicar a mente somente em termos de fenômenos cerebrais, ele afirma que a compreensão da mente humana requer uma ampliação onde o organismo com cérebro e corpo integrados se encontram em plena interação com um meio ambiente físico e social. Este raciocínio ratifica a inseparabilidade entre pessoa e mundo.

Nosso objetivo é entender que, assim como o “ser” urbano passou por profundas modificações — em um processo crescente de desmaterialização desde a cidade medieval, onde a muralha deixou de ser não apenas o marco divisório entre cidade e o espaço que não lhe pertence, como também sua segurança conceitual, definindo-lhe o “próprio ser” (LEPETIT, 2001: 252), e do advento da cidade industrial, no século XIX, à cidade contemporânea com a desmaterialização das fronteiras que, substituindo a muralha, foram forjando a definição do urbano em uma perspectiva cada vez maior de comunicação e mobilidade de bens, informações e pessoas (ASCHER, 2001) —, do mesmo modo o ser

*the vertigo of decentralization and multiple belonging, being forced to abandon the place of permanent indivisible being, a type of coordinator-in-chief of his actions.*

*Consequently, it is possible to ask: Does the fluid state of the urban space still give shelter to some “being” or “individual”, an inhabitant of a planned city, previously established in a cartesian fashion, into sectors according to specific functions and not mutually reversible? We probably can’t imagine ourselves as citizens occupying hermetic positions in our residences, in our leisure, at work, in seasonal tourism, people that depend exclusively on cabled communication, on the road guide or the printed newspaper. Nevertheless, this world in the recent past — when we placed ourselves as autonomous beings and central coordinators of our actions, in the same fashion accompanying world events, in politics, economics or the arts — gave meaning to millions of people on the planet. Regarded as individuals, we carried the self image of being indivisible points, minimal units and irreducible entities supported by bodily configuration, whose individuality is apparently ensured, in an unquestionable way, by the spectacular images. Atoms of the social fabric, numerically distinct and valued one by one, in the heart of our existence we probably at one time felt untouched and protected from the advances of the public spheres, and at the same time ready to celebrate the social achievements such as the victory of the individual.*

*From the ancient to the modern, we have built the idea of subjectivity starting from the idea of subsistence of self and a unifying consciousness of this, which affirms its identity in time, a support that is essentially immutable, imbued with such accidental and changeable characteristics — perception, tastes and affections. Guaranteed or not by a divine act, the fact is that for centuries we were guided by the notion of being as a substance able to exist by itself,*

“urbano” que, como habitante, interagiu com esse espaço urbano progressivamente desmaterializado, também experimentou, no mesmo processo e concomitante a ele, a vertigem de descentralização e multipertencimento, sendo levado a deixar para trás o lugar de sujeito indiviso e permanente, espécie de coordenador-chefe de suas ações.

Posto isto, cabe perguntar: o estado fluido do espaço urbano ainda daria abrigo a algum “sujeito” ou “indivíduo”, habitantes da cidade planejada, previamente normatizada e cartesianamente setorializada consoante funções específicas e não reversíveis entre si? Provavelmente já não conseguimos mais nos imaginar na pele do cidadão ocupando posições estanques na residência, no lazer, no trabalho, no turismo das estações do ano, alguém que depende exclusivamente da comunicação cabeada, do guia rodoviário ou do jornal impresso. Contudo, esse mundo, num passado próximo — quando nos colocávamos como sujeitos autônomos e coordenadores centrais de nossas ações, acompanhando, da mesma maneira, os acontecimentos do mundo, na política, na economia ou nas artes — forneceu significação a milhões de pessoas no planeta. Conceituados como *indivíduos*, carregávamos a auto-imagem de sermos um ponto indiviso, unidade mínima e irreduzível sustentada na figuração corporal, cuja individualidade nos é aparentemente assegurada, de modo inquestionável, pela imagem especular. Átomos do tecido social, numericamente distintos e valorizados um a um, no âmago dessa existência provavelmente nos sentimos um dia intocados e protegidos dos avanços da esfera pública, e ao mesmo tempo prontos a celebrar as conquistas sociais como vitória do indivíduo.

Nada muito diferente se passa quando nos concebemos *sujeitos*, na boa e velha tradição ocidental. Dos antigos aos modernos, construímos a idéia de subjetividade a partir da idéia de subsistência de si e de uma consciência unificadora disso, que afirma sua identidade no

*a support to attribute qualities, substratum, sub-jectum, foundation, through which we built a self image of occupying a central position at the base, a type of central cockpit of our acts and thoughts.*

*In this way, the notion that we usually refer to as the “I”, being, individual or even subjectivity, is an inheritance of the Greco-Judeo-Christian matrix. Originally hipokeimenon in Greek and subjectum in Latin, the being (subject) denotes something that is subjacent, in the inner self. In the other hand, subject is also a notion starting from grammar — of whom one speaks, that has attributes and predicates and that can perfectly be one thing. Thus we ended up uncritically absorbing this notion, which was imposed on us on a daily basis in diverse manners, without noticing that it doesn't represent the present state of mental development. From this comes the importance of various authors who have been trying to deal with the current transformations, and have abandoned the notion of subject in favor of an enlargement, decentralization and dissolution of the concept of “I”, and are bringing thoughts that are ever the more uncentered, within a comparative framework, relational, systemic and without distinction between subject and object.*

#### **The “I” and New Psychoanalysis**

*Starting from the concept that city, urban, has become dissociated from the geographic and geometric parameters, and that there is a need to define the person in order to define the city that he is and vice versa, the clarification of the “Me” or “person” in question is necessary, to explain the constructive elements of my hypothesis.*

*This concept was formulated in an original way by the New Psychoanalysis theory,<sup>9</sup> which furnishes a heuristic tool to build up the thesis of the city is me and that allows me to think of what the “I” means contemporarily. “Me” as being compatible with*

tempo, suporte essencialmente imutável provido de características tão somente acidentais e cambiáveis — percepções, gostos ou afetos. Garantida por ato divino ou não, o fato é que, durante séculos, fomos orientados pela noção de sujeito como substância apta a existir por si, suporte de atribuição de qualidades, substrato, *sub-jectum*, fundamento, mediante a qual construímos a auto-imagem de ocuparmos posição central de base, espécie de cabine de comando central de nossos atos e pensamentos.

Deste modo, a noção a que correntemente nos referimos como Eu, sujeito, indivíduo ou mesmo subjetividade é uma herança da matriz greco-judaico-cristã. Originalmente *hipokeimenon* em grego e *subjectum* em latim, o sujeito denotaria algo subjacente, que “estaria por trás”. De outra forma, sujeito também é a noção desenvolvida a partir da gramática — aquele de quem se fala, que tem atributos e predicados e que pode perfeitamente ser uma coisa. Assim, acabamos por absorver acriticamente esta noção, que nos é imposta cotidianamente de maneiras diversas, sem nos darmos conta de que não expressa mais o estado de desenvolvimento mental atual. Decorre daí a importância de vários autores que há algum tempo tentam dar conta das transformações em curso, e que abandonaram a noção de sujeito em prol de um alargamento, descentramento e dissolução do conceito de eu, e estão trazendo raciocínios cada vez mais acentrados, relativizantes, relacionais, sistêmicos e sem distinção entre sujeito e objeto.

#### **“Eu” e a Nova Psicanálise**

Partindo de que o conceito de cidade, de urbano, dissociou-se dos lugares geométricos e geográficos, e de que é preciso definir a pessoa para definir a cidade que ela é e vice-versa, é necessário o esclarecimento do “Eu” ou “pessoa” em questão, para explicitar os elementos constitutivos de nossa hipótese.

*the inhabitant of that informational urban space, video-optical and videophile, non-stop, globalized, controlled, digital, instantaneous, e-optic and dystopic. This theory has produced a concept of the "I" that is equivalent to that of person,<sup>10</sup> and denotes a process without distinction between subject and object, without a separation between living organism and the physical and the social worlds, that works as a net that connects all to everything, with pole, focus and fringe and that has the peculiarity of mental workings capable of extrapolating the given situations and creating new ones. I can in a reduced way affirm that person<sup>11</sup> or "me" in this theory is the result of a net woven of:*

- 1) Primary formations: These correspond to the given or spontaneous formations, dealing with, "nature" that can be classified as organic/inorganic; living/non living; formations of the known or about-to-be known universe, on a macro or subatomic level; formations of the planet that we inhabit; in their mineral, vegetable or animal design; in the order of living organisms (including man), their genetic constitution and associated devices of ecological connection. These also correspond to human corporeality and the whole formations involved in vital regulations.*
- 2) Secondary formations: These are all those formations fabricated thanks to the articulated mental competence, capable of moving and creating beyond the spontaneous or the "natural". They involve, in other words, the articulating capacity of the human species, which includes language, mankind's historic, artistic institutional and technologic accomplishments etc.*
- 3) Originating formation: This is the structural basis of the species' mental functioning. It is directly related to the mental ability to potentially turn whatever presents itself inside out and*

Este conceito foi formulado de modo original pela teoria *Nova Psicanálise*,<sup>9</sup> que nos fornece a ferramenta heurística para construir a tese *A cidade sou eu* e nos autorizar a pensar o que seja *Eu* contemporaneamente. *Eu* compatível com o habitante desse espaço urbano informacional, videótico e videófilo, *non stop*, globalizado, controlado, digital, instantâneo, e-tópico e distópico. Esta teoria produziu um conceito de *Eu* que é equivalente ao de *Pessoa*,<sup>10</sup> e denota um processo sem nenhuma distinção de sujeito nem objeto, sem separação entre organismo vivo e mundo físico e social, que funciona em rede que conecta tudo e todos, com pólo, foco e franja, e que tem a peculiaridade de um funcionamento mental capaz de extrapolar as situações dadas e criar o novo. De forma reduzida podemos afirmar que *Pessoa*<sup>11</sup> ou *Eu* nesta teoria é a resultante da rede composta de:

- 1) formações primárias - que corresponde às formações dadas ou espontâneas. Trata-se do que, como "natureza" podemos arrolar no orgânico/inorgânico; vivo/não vivo; formações do Universo conhecido ou por conhecer, em ordem macro ou subatômica; formações do planeta que habitamos, em seu *design* mineral, vegetal ou animal; na ordem dos organismos vivos (aí incluído o homem), sua constituição genética e dispositivos associados de conexão ecológica, a corporeidade humana e o conjunto de formações envolvidas nas regulações vitais;
- 2) formações secundárias - o que é fabricado graças à competência articulatória da mente, capaz de se movimentar e criar para além do dado espontâneo ou "natural". Trata-se, em outras palavras, da capacidade articulatória da espécie humana, que inclui sua performance linguística, suas realizações históricas, artísticas, institucionais, tecnológicas etc.
- 3) formação originária - é a estrutura de base do funcionamento mental da espécie. Está diretamente relacionada a competência mental em poder potencialmente

*create the new. This mechanism is known in New Psychoanalysis as “Revirão”.*

*In this manner if I carry “corporeity”, capable of vital regulations, I also carry the psychic movements of reverting the repetition of this adjustment, and invent a technological gadget that refrigerates the air around me according to my “taste”. Between the primary datum of the adjusting the temperature, for instance, and the secondary datum of the invention of the technology — Primary and Secondary in the senses expressed above — a third place is postulated, of neutralization, that makes invention and creation viable. This becomes evident in the history of humanity, in the face of permanent production of means and artifices to revert a particular given context: if we can’t fly, we invent the airplane; if we are afraid of the dark, we invent fire and the electric light; if we become ill, we invent medicine to revert our physical condition. All of these supposed impediments are susceptible to reversibility. The harder it might seem for us to turn a given situation inside-out, it is only a question of time, of investment and knowledge yet to be acquired.<sup>12</sup>*

*Starting from the consideration of the formations (primary, secondary, originating), there is an important distinction of the concept of “I” — Person: they are formations composed of data taken traditionally as natural, plus those that are cultural, which in turn are increased by a specific mental performance for carrying the logic of the “Revirão”.*

*These formations operate by polarization with a focus and fringe, in turn exploding any closed configuration and creating a field of inclusion which always puts the person in process, thus not being able (with the exception of crops and closures) to determine the extension of a person. Since as a pole it doesn’t possess delineated boundaries, it becomes impossible*

avessar o que quer que se apresente e criar o novo. Este mecanismo é denominado pela Nova Psicanálise de *Revirão*.

Deste modo, se porto uma “corporeidade” capaz de regulagens vitais, porto também a movimentação psíquica de reverter a repetição dessa regulagem e, invento uma bugiganga tecnológica que refrigera o ar segundo o meu “gosto”. Entre o dado *primário* da regulagem de temperatura, e o dado *secundário* da invenção tecnológica — Primário e Secundário no sentido em que colocamos acima — postula-se um terceiro lugar, de neutralização, que viabiliza a invenção e a criação, que chamamos de *originário*. Isso fica evidente na história da humanidade, diante da permanente produção de meios e artifícios para reverter um determinado contexto dado: se não sabemos voar, inventamos o avião; se estamos inconformados com o escuro, inventamos o fogo e a luz elétrica; se ficamos doentes, inventamos remédios para reverter a condição física. Todos esses supostos impedimentos são passíveis de reversibilidade. Por mais difícil que possa nos parecer, o avessamento de uma dada situação, é uma questão de tempo, de investimento, e de conhecimento a ser adquirido.<sup>12</sup>

Partindo da consideração das formações em jogo (primárias, secundárias, originária), temos aí uma grande distinção do conceito de Eu - Pessoa: são formações compostas dos dados tidos tradicionalmente como naturais, mais os culturais, que, por sua vez, são acrescidos de uma performance mental específica por portar a lógica do Revirão.

Estas formações operam por polarização com foco e franja, o que explode qualquer configuração fechada e cria um campo de abrangência que coloca a Pessoa sempre *em processo*, não sendo possível, por conseguinte, excetuando por recortes e fechamentos, determinar a extensão de uma Pessoa. Como o pólo não possui fronteiras delimitadas, torna-se impossível esquadriñar



*to scrutinize all of its configurations. Thus, what we notice with greater clarity are the focuses (MAGNO, 2007: 113-117), and everything we don't know — but that still plainly acts in this web of relations — is situated at the fringe. However, as the fringe is recognized, the focus expands, so that it becomes impossible to pinpoint where the "I" ends.*

*This concept of Person includes the corporeal configuration of a person, all other people that participate of his life, his specific relation with certain physical and geographic spaces, his field of interest, professional activities, affectionate relations, the technologies that are used, etc. In short, the whole list of the connections at any level for any person. These connections are what make up a person. Given the breadth of this concept, it is important to say that this process acts through polarization, with a focus and fringe. For example, although one resides in a particular city, geographically speaking, surely only parts of that physical space determine any meaning for each resident. These are the spaces from which people form relations of continuity and recognition: the paths that they go through daily life, the stores, restaurants and places of entertainment they frequent etc., which structure the fundamental restraints that are part of the web that constitutes a person. In this sense, a person is his own net weaved by himself.*

*"Me" as an equivalent of Person is a complex formation composed of primary, secondary and originating formations, which consider<sup>13</sup> each other, to the extent that an alteration to one of them inevitably results in the modification of the sideration. Thus, a person is a dynamic web — characterized by intricate interactions among symptomatic interactions, on one side, and the possibility of the "Revirão", on the other — in such a way that it is only possible to visualize them as a resulting variable, to*

toda a sua configuração. Assim, o que percebermos com mais nitidez são os focos (MAGNO, 2007: 113-117), e tudo o que desconhecemos — mas que, ainda assim, atuam plenamente nesta rede de relações — é situado como franja. No entanto, à medida que a franja é reconhecida, o foco se amplia, de modo que se torna impossível precisar onde *Eu* termina.

Este conceito de pessoa abrange sua configuração corpórea, as pessoas que fazem parte da sua vida, suas relações específicas com determinados espaços físicos, geográficos, seus campos de interesse, suas atividades profissionais, pessoais e amorosas, as tecnologias que usa, etc. Enfim toda a enorme lista interminável das conexões existentes em qualquer nível para qualquer pessoa. Estas conexões é que compõem a Pessoa. Dada a abrangência deste conceito, é importante situar que este processo atua através de polarização com foco e franja. Por exemplo, apesar de residir em determinada cidade, geograficamente falando, seguramente somente partes, pedaços daquele espaço físico que compõe a tal cidade é que encerram alguma significação para cada residente. São os espaços a partir dos quais elas traçam relações de continuidade e reconhecimento: os caminhos que percorrem cotidianamente, as lojas, restaurantes e espaços de diversão que usualmente freqüentam etc. é que estruturam as amarras fundamentais que fazem parte da rede que constitui uma Pessoa. Nesse sentido, a Pessoa é a própria rede que ela tece.

*Eu* equivalente a Pessoa é uma formação complexa, composta de formações Primárias, Secundárias e Originária, que se com-sideram,<sup>13</sup> de modo que a alteração de uma delas modifica inevitavelmente a resultante da sideração. Assim, a Pessoa é uma rede dinâmica — caracterizada por intrincadas interações entre formações sintomáticas, por um lado, e a possibilidade de Revirão, por outro — de modo que só é possível pensá-la como resultante variável, considerada a cada caso e a cada

*be considered in every case and moment. The fringe of a person tends towards infinity in the direction of space and time (MAGNO, 2007: 187). Because of all this, each person is unique, and will always be here and now the result of all his resources, factors and characteristics.*

**Mental development and society:  
the city is me<sup>14</sup>**

*Technological movement is redesigning the concept of the City. Fluidity and permeability between the concepts and the erasure of boundaries between natural and artificial, body and technology require an inclusive way of thinking about contemporary urban reality. From this comes the application of the concept of person in the sense of giving the city a new intelligibility, to the extent that this concept indicates that the person is impregnated with everything that can interface with him, all that creates ties with him, therefore, his makeup. I can, within the undifferentiating perspective, affirm that the city is me (ARAUJO, 2005: 104-107).*

*Places that before were geometric and Euclidian turn into topological spaces, demanding for every time and every situs appropriate analysis and consideration, for there isn't a distinction between the web making up what the person is and the space that is forged in step with the formations and transformations that constitute it. We can consider that to inhabit is to constitute at every moment, the web that constitutes the person, making space coincide with the symptomatic materiality that qualifies and quantifies it. In this manner, the convergence of city-technology-mind-society has made information indiscernible from its means of access, all that encompasses the social-environmental and its connective and communicative resources, without access of an "outside" that would make it possible to see habitat and inhabitant separately.*

momento. Acrescentemos também que a franja de uma Pessoa tende ao infinito na extensão do espaço e na direção do tempo (MAGNO, 2007: 187). Por tudo isso, cada Pessoa é única, e sempre será a resultante aqui e agora de todos os seus recursos, fatores e características da sua história.

**Desenvolvimento mental e sociedade:  
A cidade sou eu<sup>14</sup>**

A movimentação tecnológica está redesenhando o conceito de cidade. A fluidez e permeabilidade entre conceitos e o apagamento de fronteiras entre natural e artificial, corpo e tecnologia, requerem modos inclusivos de pensar a realidade urbana contemporânea. Onde, a aplicação do conceito de *Pessoa* no sentido de dar nova inteligibilidade à cidade, à medida que este conceito indica que *Pessoa* está impregnada de tudo que lhe possa fazer interface, tudo que nela se vincule e, portanto, a constitua. Podemos, dentro desta perspectiva indiferenciante, afirmar que a Cidade Sou Eu (ARAUJO, 2005: 104-107).

Os lugares, antes geométricos de competência euclidiana, tornaram-se lugares topológicos, exigindo, a cada vez e a cada *situs*, consideração e análise apropriadas, pois não há (mais) distinção entre a rede que a Pessoa é e o espaço forjado à medida das formações e transformações que o compõem sintomaticamente. Podemos considerar que *habitar* é constituir a cada momento, a rede que constitui a Pessoa, fazendo o espaço coincidir com a materialidade sintomática que o qualifica e quantifica. Deste modo, a convergência cidade-tecnologia-mente-sociedade tornou indiscerníveis a informação e seu meio de acesso, o entorno social-ambiental e seus recursos de conexão e comunicação, sem acesso a um "fora" que possibilitasse ver separados o *habitat* e o habitante.

Estamos articulando os conceitos de *cidade* e *eu* sob o ponto de vista da estrutura da nossa mente, segundo a

*I am articulating the concept of city and "I" under the point of view of our mental structure, according to New Psychoanalysis, considering that they are compatible with the manner of our mental functioning and hegemonic configurations of the contemporary world. Consequently, to direct the problem from the "I" in this theory is to give rise to a concept of city that overflows, in its inclusive possibilities, all that surrounds the makeup of man, in the biological and cultural competence. The city of which we speak shelters all appearances of human formations, including and above all the technologies, which, secreted by this formation, seem to threaten its existence, but on the other hand can provide it with unheard of qualitative mental leaps. It shelters all information, from the quantum to the digital (and its promising connections), from the mechanical to the analog, with all the inhabited potentialities it contains. It shelters all cultural compositions and recompositions which happen in the heart of the city. Lastly it is "I" as a net or web of formations, computable, conjecturable, even if unapproachable (here and now).*

*From applying these concepts, there isn't a distance that allows us to circumscribe the city and "me" separately. There is no city given, external to us, in which we insert ourselves. In a similar manner, we aren't outside a city that we consider as such. On the contrary, the pole that constitutes "me", with its focus and fringes, partially coincides with the city, and the criteria to be used in the evaluation of what a "city" may be becomes ever the more dependent on the person as an interaction, localization, access and functionality of the resources that one uses when inhabiting.*

*The uselessness of separating the concept of person and the city is a result of exactly the coextension of what one is, what one has, what one accesses and what one disposes of. Therefore, any city can be*

concepção da Nova Psicanálise, considerando que são compatíveis com nosso modo de funcionamento mental e com as configurações hegemônicas do mundo contemporâneo. Por conseguinte, vetorizar o problema desde o Eu desta teoria é dar emergência a um conceito de cidade que extravasa, em suas possibilidades inclusivas, os contornos do formato homem, de competência biológica e cultural. A cidade de que falamos acolhe todas as emergências da formação humana, inclusive as tecnológicas, que, secretadas por essa formação, parecem ameaçar-lhe a existência, mas que, por outro lado, podem prover-lhe saltos qualitativos mentais inauditos. Ela acolhe todas as informações, do quântico ao digital (e sua promissora conexão), do mecânico ao analógico, com todas as potencialidades do *habitar* que aí se encerram. Acolhe todas as composições e recomposições culturais que estão acontecendo no seio do território da cidade. Ela, enfim, é *Eu* como *rede de formações*, computáveis, conjecturáveis, mesmo que inabordáveis (aqui e agora).

Aplicando estes conceitos, não há distância que permita circunscrever separadamente Eu e Cidade. Não existe uma cidade *a priori*, externa a nós, na qual nos inserimos. De maneira semelhante, não estamos fora de uma cidade que consideramos enquanto tal. Ao contrário, o pólo que me constitui, com sua focalização e sua extensão são franjal, coincide parcialmente com a cidade, e os critérios a serem utilizados na avaliação do que seja "cidade", ficam cada vez mais dependentes da pessoa enquanto interação, localização, acesso e funcionalidade dos recursos de que se serve ao habitar.

A inutilidade de separar o conceito de pessoa e o de cidade advém justamente da co-extensão entre o que se é, o que se tem, o que se acessa e do que se dispõe. Portanto, qualquer cidade poderá ser analisada a partir da Pessoa em questão, pois não há distância alguma entre a cidade "que habito" e a cidade "que sou". A cidade que cada um é, é co-extensiva a seu modo urbano de inserção no mundo.

*analyzed through the person in question, for there isn't a distance between the city that "I inhabit" and the city that "I am". The city that everyone is coextends with the urban manner of this insertion in the world.*

*If life, sociability and urban culture became generalized, transmuting the various environments and social practices by means of increasingly intangible technologies, then we can say that the expanded "city" has met the "person" who was supposed to inhabit it, revealing, in truth, that to inhabit it is to be it.*

*Various authors demonstrate that the city has extrapolated physical space, that it has become comprehensive. City is the way of occupying the world, so we can speak of the informational city, global city, ecstacity, city of bits, etc. The urban way of inhabiting is our contemporary way (with or without a geographical city), and all we have are urban focuses that are more, or less, dense. Society's network constitutes us as urban beings without an alternative "outside", that would allow, by opposition, to situate ourselves in relation to the non-urban. There isn't a way of living "outside" the urban mode.*

*We can now start speaking of Urbanism<sup>15</sup> (ARAUJO, 2001: 114), for our considerations enclose the world and the universe as formations for that city-person. Thus, the images of planet Mars as well as the most distant galaxies are my images and configure me as part of a web that is connected to the universe. Experiments with stem cells and their incredible plastic and undifferentiated capacity are my experiences: the plasticity and undifferentiation are mine as traits, the same way as the technological space that includes this information has been transformed because of it. All these connections constitute this web that constitutes me.*

*Considering contemporary mental development and the comparative framework*

Se a vida, a sociabilidade e a cultura urbanas se generalizaram, alterando, mediante tecnologias cada vez mais intangíveis, os diversos ambientes e práticas sociais, podemos dizer que a "cidade" expandida encontrou a "pessoa" que se supunha habitá-la, revelando que, na verdade, habitar é ser.

Diferentes autores são unânimes em mostrar que a cidade extrapolou o espaço físico, ela tornou-se abrangente. Cidade é o modo de ocupação do mundo, por isso podemos falar em cidade informacional, cidade global, ecstacity, cidade de bits, etc. O modo urbano de habitar é o modo contemporâneo (com ou sem cidade geográfica ao lado), e o que temos são focos urbanos mais ou menos densos. A própria sociedade em rede nos constitui como seres urbanos sem alternativa de acesso a um "fora" que nos permitisse, por oposição, que nos situássemos em relação ao não-urbano. Não existe um modo de vida "fora" do modo urbano.

Dada esta amplitude, podemos passar a falar em *Urbanismo*<sup>15</sup> (ARAUJO, 2001: 114), pois nossas considerações abrangem o mundo e o universo como formações dessa Pessoa-cidade. Assim, as imagens do planeta Marte ou da galáxia mais longínqua que as naves exploratórias acessam são *minhas* imagens e *me* configuram como rede conectada ao Universo. As experiências com células-tronco e sua incrível capacidade plástica e indiferenciação são minhas experiências: a plasticidade e a indiferenciação *me* são como qualidades, do mesmo modo que o espaço tecnológico que inclui essa informação se transformou por causa dela. Todas essas conexões constituem a rede na qual evoluo e que *me* constitui.

Considerando o desenvolvimento mental contemporâneo e a relativização decorrente de um *urbanismo em estado fluído*, entendemos que *não há mais distância entre quem habita o lugar, o lugar e as maneiras de habitá-lo*. Deste modo é possível afirmar *a Cidade sou eu*.

resulting from an Orbanism in a fluid state, I believe that there is no longer a distance between who inhabits the place, the place, and the ways of inhabiting is. So, it is possible to affirm that the city is me.

## NOTES

1. "The city is me?" is the title of doctorate Thesis of the author, defended on November 2007, at Federal University in Rio de Janeiro — Brazil.

"La ciudad soy Yo" es el título de una Tesis de doctorado de la autora, defendida en Noviembre de 2007, en la Universidad Federal de Rio de Janeiro, Brasil.

"La ville, c'est moi" c'est le titre de une thèse de doctorat de l'auteur, soutenue en Novembre 2007, à l'Université Federale de Rio de Janeiro, Brésil.

2. A small example of this situation is the news that appeared on September 28th: "New Zealand uses wiki for the creation of laws by citizens" or "The police-wiki allows you to write the law" — where the New Zealand Police, to create a new Policing Act that will substitute the existing one dating from 1958, it is using the wiki tool as one of its means to draft the new law, where citizens can edit parts of the suggested bill or create a totally new one. For the one in charge of creating the new law, the country's police superintendent, Hamish McCordle, this might seem to be an extreme form of democracy (the "wiki" tool resembles Wikipedia, where, in theory, people can via the Internet edit texts, which are recorded and are added or modified by anyone). See the original text at: <http://futuro.vc/2007/09/28/nova-zelandia-usa-wiki-para-criacao-de-lei-pelos-cidadaos> or <http://www.stuff.co.nz/4215797a10.html>.
3. This interpretation has been explained by various authors: In the book *Reflexive Modernization*, Ulrich Beck, Anthony Giddens and Scott Lash claim it is

## Notas

1. "A cidade sou eu?" é o título da tese de doutorado defendida pela autora em novembro de 2007, no curso de pós graduação em urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.  
"The city is me?" is the title of doctorate Thesis of the author, defended on November 2007, at Federal University in Rio de Janeiro — Brazil.  
"La ciudad soy Yo" es el título de una Tesis de doctorado de la autora, defendida en Noviembre de 2007, en la Universidad Federal de Rio de Janeiro, Brasil.  
"La ville, c'est moi" c'est le titre de une thèse de doctorat de l'auteur, soutenue en Novembre 2007, à l'Université Federale de Rio de Janeiro, Brésil.
2. Um pequeno exemplo desta situação, é a notícia que lemos em 28 de setembro de 2007: "Nova Zelândia usa wiki para criação de lei pelo cidadão" ou "Wiki da polícia permite que você escreva a lei"— onde o departamento de polícia da Nova Zelândia, para criar uma nova lei de polícia que substituirá a lei existente que data de 1958, está utilizando como um de seus expedientes para elaborar a lei, a ferramenta wiki, onde os cidadãos podem editar partes do projeto de lei sugerido ou incluir um totalmente novo -. Para o encarregado de criar a nova lei, o superintendente de polícia do país, Hamish McCordle, isto talvez seja a extrema democracia. (Esta ferramenta "wiki" lembra a wikipedia, onde, em tese, as pessoas podem editar, via Internet, textos diversos, que ficam registrados e são acrescidos ou modificados por qualquer outra pessoa. Esta mídia é facilmente editada pelos usuários, com ferramentas de linkagem, inserção de conteúdo multimídia, sendo que a resultante é um texto completo sobre determinado assunto, que, antes de ficar *on line*, passa por uma fiscalização e aprovação dos resultados)  
Ver texto original em <http://futuro.vc/2007/09/28/nova-zelandia-usa-wiki-para-criacao-de-lei-pelos-cidadaos> ou <http://www.stuff.co.nz/4215797a10.html>
3. Este entendimento já foi explicitado por vários autores: Na obra *Modernização reflexiva*, Ulrich Beck, Anthony Giddens e Scott Lash, em uníssono, afirmam que o que é 'natural' está tão intrinsecamente confundido com o que é 'social', que os seres humanos não sabem mais o que é 'natureza' e que "nada mais pode ser afirmado como tal" (BECK, Ulrich, GIDDENS, Anthony e LASH, Scott. *Modernização reflexiva*. São Paulo: Editora UNESP, 1995, p. 8). Segundo Manuel Castells, estamos num estágio em que, após termos suplantado a natureza a ponto de nos obrigar a preservá-la artificialmente como uma forma cultural, a cultura passa a referir-se sobretudo à própria cultura (CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. In *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura* — vol. I. São Paulo: Paz e Terra, 1999a., p. 505). A idéia de 'artifício espontâneo' e 'artifício industrial', proposta pelo teórico e psicanalista MD Magno, é outro testemunho do abandono da oposição entre o que é 'natural' e 'artificial', em prol de uma visão topológica e homogeneizante dos fatos do mundo como *artifício*. Sobre este tema, ver ARAUJO, Rosane. *O urbanismo em estado fluido* in *A Cidade pelo avesso*, 2006. Viana & Mosley. Org. Rachel C. M. da Silva.
4. Formação é um conceito específico elaborado pela teoria psicanalítica Nova Psicanálise, e que significa tudo o que há. Qualquer configuração, qualquer coalescência, qualquer coisa ou espécie, pensamento ou ressonância que compareça é denominado "formação". Exemplos de *formações*: o cosmos, uma planta, um

*natural to be so intricately confused with what is "social", that human beings don't know what nature is anymore and that nothing more can be affirmed as such" (BECK, Ulrich, GIDDENS, Anthony and LASH, Scott . Modernização reflexiva. São Paulo: Editora UNESP, 1995, p. 8). According to Manuel Castells, we have reached a stage at which we have supplanted nature in such a manner that we are forced to artificially preserve it as a form of culture, so that culture starts referring to culture itself. (CASTELLS, Manuel. A sociedade em Rede. In A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura — vol. I. São Paulo: Paz e Terra, 1999a., p. 505). The idea of a 'spontaneous artifice' and 'industrial artifice', proposed by the theorist and psychoanalyst MD Magno, is another witness to the abandonment of the position between what is 'natural' and 'artificial', in favor of a homogenizing topological vision of the world as an artifice. For more on this topic see also: ARAUJO, Rosane. O urbanismo em estado fluido in A Cidade pelo avesso, 2006. Viana & Mosley. Org. Rachel C. M. da Silva.*

4. Formation is a specific concept elaborated by the New Psychoanalysis, that means all there is. Any configuration, any coalescence, any species or thing, thought or resonance that makes itself present is denominated "formation". Examples of formations are the cosmos, planets, thoughts, writings, languages, equations, bodies, techniques, etc. Formation thus stands for anything that exists, is describable or which can be polarized, that may exist, known or not. On this subject see also MAGNO, MD. A Psicanálise, Novamente: um Pensamento para o Século II da Era Freudiana. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2004.
5. The use of technologies allows for an existence of a time that is timeless, without a relationship to chronology. The space of the fluxes dissolves time,

pensamento, a escrita, a linguagem, uma equação, um corpo, uma técnica, etc. *Formação* nomeia então toda e qualquer conjuntura ou composição destacável, descritível, ou polarizável que exista, tenhamos conhecimento ou não. Sobre este tema, ver MAGNO, MD. A Psicanálise, Novamente: um Pensamento para o Século II da Era Freudiana. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2004.

5. O uso das tecnologias propicia a existência de um tempo intemporal sem referência cronológica. O espaço de fluxos dissolve o tempo, eliminando a sequência dos eventos e tornando-os simultâneos. Cria assim, um tempo não diferenciado, que possibilita um presente eterno. Passado, presente e futuro e as modalidades escrita, oral e audiovisual da comunicação interagem numa mesma informação multimediada. O tempo é transformado pela simultaneidade e pela intemporalidade (cf. CASTELLS, 1999a: 457-492).
6. Segundo Castells, reportando-se a um ensaio de Barbara Adam sobre tempo e teoria social, existe uma tendência para adoção de um conceito contextual do tempo humano: o tempo é local (CASTELLS, 1999a: 458).
7. A definição de espaço sofre contínua modificação ao longo da história e, por muito tempo, com uma forte influência das nossas filosofias e religiões dualistas, que sempre insistiram em cindir a realidade em matéria e espírito. A imagem medieval de mundo pode ser entendida pela explicitação do espaço físico do corpo e o espaço imaterial da alma, onde "a arquitetura do primeiro era definida pelo plano geométrico dos planetas e das estrelas" e a do segundo era "definida pela geografia tríplice do Paraíso, Inferno e Purgatório". A partir do final do séc. XVII nossa visão fiscalista vai sedimentando a concepção materialista da realidade e "ao longo dos três últimos séculos, a realidade passou a ser vista, cada vez mais, como o mundo físico apenas". Deste modo, no final do século XVIII, o *monismo* estava instalado e pela "primeira vez na história, a humanidade havia produzido uma imagem do mundo puramente fiscalista, um quadro em que mente / espírito / alma não tinham lugar algum". No século passado temos a concepção *relativística* do espaço de Albert Einstein, onde espaço e tempo "se entrecruzam num múltiplo quadridimensional, com o tempo se tornando, de fato, mais uma dimensão do espaço". Ainda na segunda metade do séc. XX, os físicos inventam a noção de *hiperespaço* de onze dimensões. Dentro desta conceituação de *hiperespaço*, em última análise não há nada senão espaço. O universo de onze dimensões porta quatro grandes dimensões, sendo três de espaço e uma de tempo e "sete microscópicas dimensões de espaço, todas enroscadas em alguma minúscula e complexa forma geométrica". Atualmente, estamos nos deparando com o espaço digital — *ciberespaço*. Quando interagimos no ciberespaço nossa localização não pode mais ser definida por coordenadas do espaço físico (Wertheim, 2001: 28, 113, 114, 29 e 155).
8. O carbono está presente em todo organismo vivo. O corpo humano contém grande quantidade de compostos de carbono. Por conta disso, identifica-se a base carbono como constituinte do corpo humano.
9. Teoria criada pelo psicanalista brasileiro MD Magno na linhagem de Freud e Lacan, é uma reedificação da psicanálise com base nos mais importantes achados desses dois mestres, e tem se mostrado compatível com a situação atual do mundo e com teorias científicas contemporâneas.
10. Sabemos que diversos conceitos diferentes podem ser expressos pelo mesmo nome. Assim esclarecemos que, apesar do termo

eliminating the sequences of events and making them simultaneous. Thus, an undifferentiated time is created, which makes an "eternal present" possible. Past, present and future and all kinds of written, oral and audiovisual communication interact in the same multimedial manner. Time is transformed by simultaneity and by timelessness. (cf. CASTELLS, 1999a: 457- 492).

6. According to Castells, discussing an essay by Barbara Adam about time and social theory, there is a tendency to adopt a contextual concept for human time: time is local (CASTELLS, 1999a: 458).

7. The definition of space has undergone continuous modification throughout history, and for a long time under the strong influence of our dualist philosophies and religions, which always insisted on splitting reality into a spiritual and material basis. The medieval image of the world can be understood as the turning of physical space and immaterial space explicit, in which "the architecture of the first was defined by the geometric plane of the planets and stars" and of the second "by the three-fold geography of, Heaven, Hell and Purgatory". Starting towards the end of the seventeenth century our inspectionist vision started solidifying the materialist conception of reality and "through the last three centuries, reality came to be viewed, ever the more, as only the physical world." In this manner, by the end of the eighteenth century, monism was established and "for the first time in history, humanity had produced a purely inspectionist image of the world, a framework in which the mind/ spirit/ soul didn't have a place." In the last century the relativistic concept of space given by Albert Einstein, where space and time "interweave in a four-dimensional multiple, turns time itself, into another dimension of space." Still in the second half of the twentieth century, physicists invented the notion of hyper-

- "pessoa" ser carregado de uma série de significações pregressas (por exemplo, vide a história do Personalismo), aqui ele ganha uma conceituação original, única, e compatível com uma definição da mentalidade contemporânea.
11. Este Conceito foi amplamente desenvolvido na obra do autor. Para um estudo detalhado sobre a questão, vide: MAGNO, MD. *A Psicanálise, Novamente: um Pensamento para o Século II da Era Freudiana*. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2004. MAGNO, MD. *Psicanálise: Arreligião*. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2005. MAGNO, MD *Clavis Universalis: da cura em psicanálise ou revisão da clínica*. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2007. MAGNO, MD. [2004a] *Economia Fundamental. Metamorfoses do Pulsão*. (no prelo). MAGNO, MD. [2007a] *A Rebelião dos Anjos: eleutéria e exousia*. (no prelo).
  12. Imaginemos o que representava para a humanidade, há somente um século atrás, a idéia da possibilidade do homem visitar a lua ou o planeta Marte (!).
  13. Nesta perspectiva, reconhece-se que há formações e que elas se com-sideram, ou seja, que há sideração entre elas. A palavra siderar tem origem latina, de modo que *cum-siderare* é siderar junto. *Sidus*, por sua vez, é o siderar dos astros, que sideram movidos por forças de atração e repulsão (MAGNO 2003: 64).
  14. A "Cidade sou eu?" é título da tese de doutorado defendida pela autora em novembro de 2007 no PROURB, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.
  15. *Urbe* = cidade; *Orbe* = globo, mundo, universo.

## Bibliografia

- ABBAGNANO, Nicola. (2003) *Dicionário de Filosofia*, São Paulo: Martins Fontes.
- ARAUJO, Rosane. (2001) *A Cidade Contemporânea e As Novas Tecnologias*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PROURB, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- ARAUJO, Rosane. (2005) "La Ville, C'est Moi: l'urbanisme du xxième siècle", in GRELET, Gilles (org.). *Théorie-rebellion: um ultimatum*. Paris: L'Harmattan, pp. 104-107.
- ARAUJO, Rosane. (2006) "O urbanismo em estado fluido", in *A Cidade pelo avesso*. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, pp. 41-58.
- ASCHER, François. (1998) *Metápolis: acerca do futuro da cidade*, Oeiras: Celta Editora.
- . (2000) *Événements nos Dépassent, Feignons d'en être les Organisateurs; essai sur la société contemporaine*, La Tour d'Aigues: L'Aube.
- . (2001) *Les nouveaux principes de l'urbanisme: la fin des villes n'est pas à l'ordre du jour*, Paris: L'Aube.
- BECK, Ulrich, GIDDENS, Anthony e LASH, Scott. (1995) *Modernização reflexiva*, São Paulo: Editora UNESP.
- BERTALANFFY, Ludwig von. (1973) *Teoria geral de sistemas*, Petrópolis: Vozes.
- CASTELLS, Manuel. (1995) *La Ciudad Informacional; tecnologías de la información, reestructuración económica y el proceso urbano-regional*, Madrid: Alianza Editorial.
- . (1999a) *A Sociedade em Rede*. In *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura* — vol. I, São Paulo: Paz e Terra. Trad.: Roneide Venancio Majer.

- space, with eleven dimensions. Within this concept of hyperspace, there is lastly nothing but space. The universe with eleven dimensions holds four large dimensions, where three are for space and one is for time, and "seven microscopic dimensions of space, all of which are tightly packed into a minuscule and complex geometric form." We have now come to the digital space — cyberspace. When we enter into cyberspace, our location can no longer be defined by coordinates of physical space (Wertheim, 2001: 28, 113, 114, 29 and 155).
8. Carbon is present in every living organism. The human body is largely made up of carbon compounds. Due to this, carbon is identified as the base constituent of the human body.
  9. A theory created by the Brazilian psychoanalyst MD Magno following the lineage of Freud and Lacan, it's a re-edification of psychoanalysis based on the most important findings of the two masters, and has shown itself to be compatible with the current world situation.
  10. Differents concepts can be expressed by the same name. Therefore, although the term "person" is charged with previous meanings (see the story of Personalism), here it gains an original conception, unique, and compatible with a definition of contemporary mentality.
  11. This concept was widely developed in the works of the author. For a more detailed study on the question, see: MAGNO, MD. *A Psicanálise, Novamente: um Pensamento para o Século II da Era Freudiana*. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2004. MAGNO, MD. *Psicanálise: Arreligião*. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2005. MAGNO, MD. *Clavis Universalis: da cura em psicanálise ou revisão da clínica*. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2007. MAGNO, MD. [2004a] *Economia Fundamental. Metamorfoses da Pulsão*. (no prelo).
  - (1999b) *O Poder da Identidade*. In *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura* — vol. II, São Paulo: Paz e Terra. Trad.: Klaus Brandini Gerhardt.
  - (1999c) *Fim de Milênio*. In *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura* — vol. III, São Paulo: Paz e Terra. Trad.: Klaus Brandini Gerhardt.
  - (2003) *A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
  - CASTELLS, Manuel (ed.) (2004) *The network society: a cross-cultural perspective*, Cheltenham, Mass.: Edward Elgar Publishing Ltd.
  - COATES, Nigel. (2003) *Guide to ECSTACITY*, New York: Princeton Architectural Press.
  - DAMÁSIO, António R. (1996) *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*, São Paulo: Companhia das Letras.
  - FERRATER MORA, José. (2001) *Dicionário de Filosofia*, São Paulo: Edições Loyola.
  - LEPETIT, Bernard. (2001) *Por uma nova história urbana*, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
  - LÉVY, Pierre. (1999) *Cibercultura*, São Paulo: Ed. 34.
  - MAGNO, MD. (2003) *Revirão 2000/2001: "Arte da Fuga" e "Clínica da Razão Prática"*, Rio de Janeiro: NovaMente Editora.
  - (2004) *A Psicanálise, Novamente: um Pensamento para o Século II da Era Freudiana*, Rio de Janeiro: NovaMente Editora.
  - (2004a) *Economia Fundamental. Metamorfoses da Pulsão*. (in preparation).
  - (2005) *Psicanálise: Arreligião*, Rio de Janeiro: NovaMente Editora.
  - (2007) *Clavis Universalis*, Rio de Janeiro: NovaMente Editora.
  - (2007a) *A Rebelião dos Anjos: eleutéria e exousia*. (in preparation).
  - MATURANA, Humberto R. & VARELA, Francisco J. (2001) *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*, São Paulo: Palas Athena.
  - MITCHELL, William J. (2001) *e-topia "vida urbana, Jim, pero no la que nosotros conocemos"*, Barcelona: Gustavo Gili.
  - (1995) *City of bits: space, place and the Infobahn*, Cambridge: MIT Press.
  - ROSSI, Aldo. (1995) *A Arquitetura da Cidade*, São Paulo: Martins Fontes.
  - SASSEN, Saskia. (1998) *As cidades na economia mundial*, São Paulo: Studio Nobel.
  - SOLÀ-MORALES, Ignasi de. (2002) *Territórios*, Barcelona: Gustavo Gili.
  - SOLÀ-MORALES e XAVIER COSTA. (2005) *Metrópolis — ciudades, redes, paisajes*, Barcelona: Gustavo Gili.
  - TAN, Kok-Meng. (2005) *Teoría de la ciudad nodal*, in SOLÀ-MORALES and XAVIER COSTA, (2005), pp. 172-187.
  - VIVIANNE, Claude. (1998) "Le projet urbain, un ici et maintenant ou un nouvel ailleurs? Quelques reflexions sommaires", in TOUSSAINT, Jean-Yves et ZIMMERMAN, Monique (dir.). *Projet urbain: ménager les gens, aménager la ville*, Paris: Pierre Mardaga Éditeur.
  - WERTHEIM, Margaret. (2001) *Uma História do Espaço de Dante à Internet*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar.



MAGNO, MD. [2007a] A Rebelião dos Anjos: eleutéria e exousia. (in preparation).

12. *Let's imagine what just a century ago the thought of man visiting the Moon or Mars represented to people (!).*
13. *In this perspective, one recognizes the formations and that they consider each other, or better, that there is sideration amongst them. The word to siderate is of Latin origin, so that cum-siderare is to siderate together. Sidus, in turn, is to siderate the astral bodies, that moved by means of attractive and repulsive forces (MAGNO 2003: 64).*
14. *"A Cidade sou eu?" - "The city is me" is the title of the doctoral thesis submitted by the author in November 2007 to the Postgraduate Program in Urbanism of Federal University of Rio de Janeiro, Brazil.*
15. *Urbe=city; Orbe=, globe, world, universe.*